

JULIA ADAM E O BLOG DE TR

DOSSIÊ DE APRESENTAÇÃO

Obra completa • Projeto editorial e audiovisual

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

Material destinado a editoras, agentes literários e produtoras audiovisuais

1. Ficha da obra

Título: JULIA ADAM E O BLOG DE TR

Autor: JUVÊNCIO MARINS

Gênero: Ficção infantojuvenil / humor / crônicas ficcionais / drama de formação

Extensão: 108 páginas

Estágio de desenvolvimento: Obra concluída/ Roteiro pronto

Ambientação: Bairro residencial e casa vizinha observada pela protagonista, com episódios ligados à família Riban e aos sucessivos moradores.

Público-alvo: Infantojuvenil e adulto jovem, com interesse potencial de adultos de todas as idades.

Formato de exploração: Edição editorial e adaptação audiovisual.

2. Pitch

Da janela de seu quarto, a adolescente Julia Adam transforma a casa azul da vizinhança em matéria-prima para suas crônicas na internet. Apaixonada por TR, filho da família que construiu a casa, ela registra com humor, imaginação e indiscrição a vida dos moradores que passam pelo imóvel — sem medir o alcance de suas publicações.

Entre romances, amizades, preconceitos, mudanças e situações inesperadas, o blog atrai atenção crescente. Quando Julia enfrenta um processo judicial por causa de seus relatos, a popularidade da página aumenta, e sua maneira de observar os outros se transforma numa aventura sobre exposição, liberdade de opinião e responsabilidade nas redes sociais.

3. Sinopse

“Olá, meu nome é Júlia Adam. Leia meu blog e confira o que aconteceu com a casa e com a família que a construiu (ai, que saudades...), até os fatos engraçados, os pitorescos e – arre, os terríveis dias vividos pela casa azul durante a ditadura dos ‘caras de porcos’ –, pelo menos de acordo com o meu ponto de vista e os de minhas amigas, inclusive a dupla GG, mais ou menos como fazia William Shatner, ao encarnar o capitão Kirk, confortavelmente instalado na sala de comando da nave estelar Enterprise, quando gravava o diário de bordo. Nossa... vai ter quem critique o que escrevi, e se foi verdadeiro tudo o que narrei, ou se foi somente criação da mente imaginativa de uma adolescente apaixonada por dicionários, louca varrida por cinema e quadrinhos, fã de Crepúsculo e Jogos Vorazes, e que ama todos os bruxos de Hogwarts (ai... que saudades do prisioneiro de Askaban!), cujas melhores amigas não têm namorados e juntam as moedas para pagarem suas matrículas na escola de esgrima mais próxima (quem será que faz esgrima além delas?). Tudo bem. Estou aberta às críticas. Afinal, o que seria do mundo se todos tivessem uma só opinião ou quisessem comprar o mesmo tipo de absorvente?”

P.s: espero que curtam e comentem bastante as minhas crônicas.”

Da janela, ela narra nas redes sociais o cotidiano das pessoas que residiram na casa vizinha à sua, e que pertencera à família do jovem TR, a sua paixão: as aventuras do aposentado rabugento, que reformou a escola; do casal gay e o preconceito que os cercava; da mãe fervorosa na fé, e sua filha (dona da cintura mais invejada do bairro, conforme seus relatos). Julia é processada pelo advogado de ERIK, um sujeito, segundo ela, parecido com o primo do motorista do tio da cunhada do sobrinho desdentado, careca e narigudo do Jigsaw, de Jogos Mortais. Isso tornará o blog popular, cujos relatos serão capazes de fazer Barack Obama dançar com o Papa e o presidente da Rússia, vestidos como havaianas.

Bem-humorada e transformadora, a aventura mostra a força da amizade, e, principalmente, como bem utilizar as redes sociais com responsabilidade, porque narrar a vida de vizinhos nas redes sociais pode ter consequências imprevisíveis.

4. Diferenciais e posicionamento

Protagonista com voz própria. Julia Adam narra os acontecimentos em primeira pessoa, com humor, referências culturais e observações que oscilam entre afeto, imaginação e indiscrição.

A casa azul como eixo narrativo. A residência construída pela família Riban atravessa diferentes histórias e moradores, funcionando como elo entre episódios, memórias e transformações.

Estrutura em crônicas. A organização original em CRÔNICAS favorece episódios com identidade própria e continuidade de personagens e situações.

Atualidade temática. Publicações sobre terceiros, exposição da intimidade, popularidade digital e consequências jurídicas dialogam com debates contemporâneos sobre redes sociais.

Diversidade de experiências humanas. Amizade, amor adolescente, preconceito, religiosidade, perdas e diferenças de opinião surgem no cotidiano observado pela narradora.

Humor intergeracional. As referências ao cinema, à cultura pop e às relações de vizinhança permitem diferentes níveis de identificação e leitura.

5. Potencial audiovisual, editorial e comercial

JULIA ADAM E O BLOG DE TR articula uma premissa direta — uma adolescente narra a vida dos vizinhos na internet e descobre que isso produz consequências — com uma voz narrativa bem-humorada e um conjunto de histórias interligadas pela casa azul. A temática da circulação de informações pessoais permanece relevante para leitores de diferentes idades, especialmente em contextos de redes sociais, reputação digital e convivência com opiniões divergentes.

6. Potencial de adaptação audiovisual

Ponto de vista marcante: Julia pode conduzir a narrativa por meio de crônicas, publicações, observações da janela e comentários que contrastam com a realidade dos acontecimentos.

Núcleo visual recorrente: o quarto de Julia, sua janela e a casa azul estabelecem uma relação espacial clara entre narradora e personagens observados.

Estrutura episódica: os diferentes moradores e acontecimentos oferecem possibilidades para uma série de comédia dramática juvenil.

Conflito contemporâneo: o processo judicial e a ampliação da popularidade do blog criam uma linha de tensão entre humor, exposição e responsabilidade.

Diversidade de tons: o material reúne romance adolescente, comicidade, conflitos familiares, preconceito e situações emotivas.

Formatos possíveis: série juvenil de comédia dramática ou longa-metragem, conforme desenvolvimento de roteiro e definição do recorte narrativo.

7. Público-alvo

Leitores e espectadores infantojuvenis, com possibilidade de diálogo com jovens adultos e adultos interessados em humor, relações de vizinhança, romances de formação, crítica social e temas relacionados à internet e às redes sociais.

8. Sobre o autor

Juvêncio Marins é escritor, jornalista, professor, historiador. Foi cronista no Jornal da Bahia e na Tribuna Feirense. Finalista por três vezes do Prêmio SESC de Literatura, venceu os Prêmios Letras de Salvador e Mentes Verdes. É autor de obras de ficção e desenvolve também projetos com possibilidade de adaptação para outras linguagens, inclusive editoriais e audiovisuais.

9. Obras publicadas

- Crônicas e Contos que a Bahia Conta
- A Ordem de Bridge
- Blindfolded — Vol. I: Reação (também editado em formato HQ)
- A Regra — Vol. I: O Homem que Nunca Existiu
- Ponto Final
- A Irmandade da Cobra que Fuma
- A Letra Morta
- A Casa Número 11 — Vol. I: O Assassino do Cano Duplo
- A Casa Número 11 — Vol. II: O Homem sem Rosto

10. Informações e contatos do autor

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

E-mail: maisde3neuronios@protonmail.com

Telefone / WhatsApp: (55 71) 99626-4779

Site: www.maisde3neuronios.com

AMOSTRA DA OBRA

Capa, dedicatória, apresentação inicial de Júlia Adam e CRÔNICAS Nº 1 a Nº 12



Este livro é dedicado àquelas pessoas que acreditam apaixonadamente no amor

Olá, meu nome é Júlia Adam. Aqui estão as crônicas do meu blog e das minhas redes sociais. O blog de TR. Os relatos sobre a casa de Antonio Riban – a casa que tinha vida e sentimentos próprios, que estava sempre à venda e que escolhia os seus próprios habitantes. Um lugar mágico.

Acho que narrei tudo aqui: seus moradores, o que aconteceu com ela, os fatos engraçados, os pitorescos e – *arre*, os terríveis dias vividos pela casa azul durante a ditadura dos caras de porcos –, pelo menos de acordo com o meu ponto de vista e os de minhas amigas, inclusive a dupla GG, mais ou menos como fazia William Shatner, ao encarnar o capitão Kirk, confortavelmente instalado na sala de comando da nave estelar Enterprise, quando gravava o diário de bordo.

Nossa... vai ter quem critique o que escrevi, e se foi verdadeiro tudo o que narrei, ou se foi somente criação da mente imaginativa de uma adolescente apaixonada por dicionários, louca varrida por cinema e quadrinhos, fã de Crepúsculo e Jogos Vorazes, e que ama todos os bruxos de Hogwarts (ai... que saudades do prisioneiro de Askaban!), cujas melhores amigas não têm namorados e juntam as moedas para pagarem suas matrículas na escola de esgrima mais próxima (quem será que faz esgrima além delas?).

Tudo bem. Estou aberta às críticas. Afinal, o que seria do mundo se todos tivessem uma só opinião ou quisessem comprar o mesmo tipo de absorvente ou descolorante?

Sou apenas um ser humano sujeito a mudanças como todos os demais. Talvez um pouco mais observadora. Apenas isso.

Beijos mil. Muitos.

Julia Adam

P.s: espero que curtam e comentem bastante as minhas crônicas.

CRÔNICA Nº 1

Subir uma escada apressadamente, sem olhar para os lados ou segurar no corrimão e saltar os degraus como se eles estivessem cheios de bombas letais – como nos games, ou fossem obstáculos olímpicos colocados sobre fossos entupidos de crocodilos, era algo que ninguém deveria tentar, ainda que existisse um troféu feito de ouro maciço como premiação à espera.

Pior ainda seria fazer esse tipo de coisa calçada somente com um chinelo, e segurando, além da câmera digital recebida de presente no último aniversário (*após ter aguardado quatro anos por ela*), um pesado e grande bloco de anotações já aberto e com as folhas sujas de café, e duas canetas de escrita fina, equilibradas em cada uma das orelhas. Você acharia isso uma loucura? Gostaria de saber por qual motivo eu entrei casa adentro, sem cumprimentar os meus pais ou acariciar Clone, o meu querido cão da raça labrador, subindo os degraus, como se fosse perseguida por uma legião de gnomos, duendes esverdeados e elfos enraivecidos, cheios de clavas, estacas e foices?

Não, não iria dar de cara com o Brad Pitt de sunga. *Nossa...* imagina uma *selfie* com ele!

Muito menos iria flagrar meu irmão prestes a fregar parte das minhas suadas economias, reservadas para adquirir o mais novo aparelho de chapinha (*aff...* tenho cólicas só de pensar nisso).

A resposta para isso seria simples para um fato curiosamente complexo, que explicarei nas páginas seguintes dessa crônica de hoje: a casa vizinha à minha, a casa de Antonio Riban, ou melhor, de Tony Riban, e de seu filho de mesmo nome, que apelidei de TR, estava, novamente, vazia. Sem morador, definitivamente vazia.

E foi isso que constatei, quando vi a fumaça da descarga do caminhão da mudança invadir a janela do meu quarto, para anunciar aquilo que eu já aguardava, permitindo-me somente o minuto necessário para clicar a foto final, e registrar a última imagem dos seus mais recentes moradores, no exato instante em que era fincada no jardim a placa indicativa de que o imóvel estaria a partir dali à venda.

Outra vez...

CRÔNICA N° 2

Fui registrada com o nome de Julia Adam, uma atriz belga prima de meu avô, que tinha a pele muito clara e os cabelos escuros como os meus, e que usava óculos de aros redondos e quadrados tipo os meus. Meu irmão se chamava Davi, o xodó da família, com aquelas sardas no rosto e aquele lindo furo no queixo. Davi tinha somente um defeito: detestava escovar os dentes, coisa de criança, que mudaria quando crescesse; até lá, esperava que lhe sobrasse ao menos um para limpar.

Paulo Adam era meu pai e minha mãe se chamava Sarah – dois primos, ex-hippies, que se conheceram durante uma festa da independência. A paixão entre eles foi tão forte que, dois meses depois, casaram sem ninguém saber, dentro de um cargueiro repleto de containeres com bananas que seguia do Panamá para a Nova Zelândia, com escala na Nicarágua.

Um dia me revelaram que quem realizou a cerimônia foi o cozinheiro do navio – um turco tatuado com os versos do Corão, tendo como testemunhas um bando de gaivotas, dois estivadores chineses zarolhos e uma cartomante fugida da Guatemala, que trabalhava como camareira e fazia outros serviços para os marinheiros, conforme meu pai insinuou sem explicar os detalhes. A cara dele já dizia tudo. Mas como o mundo e as pessoas mudam – quem diria – meu pai transformou-se num competente executivo, ocupando o cargo de diretor administrativo da refinaria de gás natural situada no perímetro da cidade; e a minha mãe – pasmem – após se envolver durante anos com os movimentos comunistas e ambientalistas, tornou-se líder fervorosa da igreja daqui do bairro. Como se pode notar, eles eram verdadeiras metamorfoses em forma de gente; o que, certamente, me influenciou.

Quando tudo começou, eu tinha pouco mais de 14 anos. Até conhecer a família de TR e sua história, e participar das suas alegrias, dos seus problemas, dos seus traumas e das suas dores, minha vida se resumia as coisas simples, tais como ler todo tipo de livro – principalmente dicionários, escrever bastante sobre qualquer coisa, e fotografar – que era o meu passatempo favorito, principalmente depois de ter ganhado a Canon 251-EF, meu sonho de consumo, maior

até do que os ingressos autografados por Robert Pattinson, para assistir a exibição de Crepúsculo, que consegui depois de três dias de peregrinação e espera frenética diante do hotel onde ele estava hospedado.

Mas, os relatos não serão sobre mim, meu irmão ou meus pais; e sim, na realidade, crônicas sobre Antonio Riban, sua mulher e o seu filho, e a casa que construíram, e sobre as aventuras das pessoas que nela moraram depois deles.

Se alguma vez na vida, com os dedos feridos e repletos de inflamações, você precisou descascar batatas enormes ou cortar beterrabas escorregadias, utilizando somente um canivete cego e cheio de dentes, deve imaginar como foi dura a vida de TR e a dos seus pais. Da mesma maneira que as batatas e beterrabas nos dão alimentos saborosos e saudáveis depois de descascados, cozidos ou fritos, assim foi com eles, quando, depois de muito empenho, conseguiram a casa tão sonhada; vizinha à minha, erguida no lado nascente, num terreno esquecido no fim da rua, que fazia fronteira com os limites da refinaria de gás, cercada por jardins, árvores antigas de várias espécies e um vigoroso e belo gramado.

A casa de TR tinha sim alguma coisa diferente e especial, que me motivou a escrever as crônicas e postá-las no blog e nas redes sociais, porque ela não era uma casa igual às outras. Creio que você se surpreenderá com a história dela, especialmente quando lhe contar o que ocorreu comigo e com os que ousaram adquiri-la, depois do que se passou com a família de Antonio Riban. Uma casa cheia de emoções, onde muita gente se alegrou e viveu aventuras. Um lugar mágico, mais ou menos como um reino repleto de criaturas incríveis. Um lugar onde o tempo parecia ter parado, como se uma foto tivesse sido batida, como se ela estivesse somente dormindo, para, num clique, voltar a ficar repleta de sorrisos, e reabrir as suas portas para a família que a construiu.

CRÔNICA Nº 3

A casa de TR ocupava mais da metade do terreno ao lado da minha. Era alta, com uma grande porta onde estavam gravadas as letras iniciais dos nomes dos seus primeiros donos. Tinha um sótão com um pátio bonito (que ficava repleto de aves, cujos filhotes adoravam arremessar titica sobre as cabeças dos visitantes), muitas entradas laterais de ventilação, e se destacava pela cor azul celeste das suas paredes revestidas com granito cinza, pelas grandes janelas, e por suas varandas com arcadas de gesso branco, cujos empuxos exteriores de cada um dos seus arcos, se encontravam com o empuxo do arco próximo da série, e ambos se compensavam, com um visual espetacular, como nos antigos mosteiros.

Mas o lugar onde ficava a casa de TR nem sempre foi assim, tão belo, limpo e organizado. Na realidade, o que existia ali era um lote vazio pertencente à Prefeitura, cheio de mato e lixo – que não interessava a ninguém, por ser vizinho do território da refinaria; razões pelas quais era constantemente utilizado por andarilhos ou por gente desavisada em busca de um local para fazer xixi e muitas outras coisas que nem valeria a pena relatar.

Toda a rua soube quando Antonio e Penélope Riban adquiriram aquele terreno. Eu tinha acabado de chegar da escola. Estava sentada junto à janela, refrescando-me. Fazia calor e as árvores estavam rígidas como as estátuas do castelo da bruxa de Nárnia.

A ventilação era zero quando Antonio Riban encostou o Ford de cor branca junto da mais antiga árvore que então existia – um flamboyant envergado por causa do transcurso dos anos, cheio de flores e ninhos de pássaros, gritando para a mulher e para TR que ali seria um lugar com cheiro de lar, com cara de família – o último porto, o local onde ficaria até o último dos seus dias.

Cheguei a ficar assustada com o estardalhaço dele, que cantarolava e saltava como se fosse uma criança sobre os bancos de terra e lixo espalhados no lote, driblando os espinheiros e as dezenas de pés de urtiga e carrapichos.

Jamais esquecerei aquele dia. Foi a primeira vez que vi TR, e logo entendi que o universo conspiraria a nosso favor. Ele era muito lindo. Alto para a idade que tinha. Suas mãos eram bonitas e sua pele morena assemelhava-se à casca de uma pêra, de tão sedosa que era. TR era um ano mais velho do que eu. Tinha olhos amendoados e insinuantes, que sorriam quando estava feliz, e ficavam energizados e firmes, quando passava por algum momento de tristeza.

Logo compreendi que algo, uma linha invisível, uma energia indissolúvel, a partir daí, uniria ele, sua família e sua casa, a mim, eternamente, fazendo-me porta-voz dos seus momentos felizes e das alegrias vividas dentro daquela casa. Mas, lamentavelmente, essas mesmas forças colocariam sobre meus ombros o pesado fardo de relatar as agruras, as tristezas e os desapontamentos daquelas pessoas e do imóvel que construíram com afinho, dedicação e muito, muito amor.

Fui testemunha da construção da casa de TR. E, como era meu costume, naturalmente, registrei tudo: com fotos ou anotando no meu inseparável bloco, o qual, como dizia a minha melhor amiga, Valéria Soares, era uma fonte de consulta pelo menos três vezes mais importante do que o Google, o Yahoo ou o Wikipédia juntos.

É verdade, e tenho tudo registrado aqui comigo. Acompanhei a saga da casa de TR desde o dia que o caminhão da loja de material de construção despejou os primeiros metros de areia e brita dentro do terreno, logo após o mato ter sido retirado na base do facão e da enxada. Estava no meu quarto, sentada num banco de feltro, ao lado da janela. Bebericava o último gole de refrigerante, no exato dia da construção da alvenaria, do assentamento dos primeiros blocos, e da elevação dos pilares e vigas de sustentação.

Tirei três fotos seguidas – e todas na posição frontal, em closes diferentes e sem ele perceber, da cara do arquiteto, quando desviava para seu próprio carro, parte do material elétrico que seria utilizado na obra. Depois dos donos e dos empregados da empresa de construção, fui a primeira a entrar no imóvel logo após suas paredes terem sido pintadas, quando a casa de TR ainda não tinha fechaduras ou vidros nas portas e nem nas janelas.

Claro que entrei quando não havia ninguém lá dentro. Fotografei tudo, cada canto, cada espaço.

Mas, a minha vida não se resumia somente a acompanhar a construção daquela casa. Lógico que tinha outras atividades, tais como escola, biblioteca, malhação ou sessões de cinema sempre com Valéria e as inseparáveis Gilda e Glória Kan – a famosa dupla GG, responsáveis pelo

leva-e-traz de informações essenciais sobre o que acontecia na horda dos rapazes, atitude que, infelizmente, era usualmente conhecida por fofoca.

Faltava-me somente um namorado.

Mas, bem, isso se ajeitaria depois. O certo era que, mesmo soando estranho, estava convencida de que precisaria conhecer tudo sobre aquela casa e sobre os seus primeiros habitantes – principalmente TR, por motivos óbvios. Alguma coisa me dizia isso. Algo sem medidas, um imã energético com capacidade para abastecer-me vida afora. A casa azul de TR era esse magneto, capaz de mudar a minha vida, capaz de produzir alegrias infinitas e de proporcionar prazeres enormes.

Foi incrível o dia da inauguração daquela casa. Fantástico e inesquecível. Muito mais até do que o dia dos meus quinze anos, que teve uma grande festa, mas nada igual aquele dia. O céu ficou mais azul e o sol vibrou mais do que em qualquer tempo, como se uma onda de neutrinos positivos tivesse jorrado sobre o planeta; como se uma explosão no espaço cósmico anunciasse a formação de centelhas divinas.

Houve festa e música. Muita música. Gente que nunca tinha visto, enchendo a rua com carros estrangeiros e de vários tipos, trazendo dezenas de presentes para TR e seus pais, que gritavam sem parar para os vizinhos, convidando-os a entrar na casa, a fim de sentirem de perto a felicidade que enchia aquele lugar e aquela família.

Soube depois, que TR e seus pais tinham o sangue quente e participativo dos italianos; e, como tais, amizade para eles era base da relação entre as pessoas. Eu aprendi a gostar do jeito deles, e isso me fez muito bem.

Durante a festa, eu e TR trocamos muitos olhares, alguns beijos e uma penca de abraços e confidências. Não éramos namorados, assim como se diz por aí. Talvez um dia. Era o que eu mais desejava, claro. Tinha sempre ao meu lado o garoto mais lindo e sensível da região.

O meu TR.

Um jeito de pensar bem egoísta da minha parte. Mas, sabia que ele também pensava assim, embora fosse ainda mais tímido do que eu para revelar os seus desejos, as suas vontades. Mas, romântico como ele era, não iria deixar passar barato os nossos beijos e abraços. Quando a festa já se encaminhava para o fim, ele segurou uma das minhas mãos, beijou carinhosamente o meu pescoço, fazendo-me arrepiar, e colocou um pequeno pingente na minha palma. Seus olhos

sorriram para mim e eu gelei com a emoção de um modo tal que congelaria um bacalhau norueguês, levando até junto dos meus seios aquela sua mão gentil e delicada.

Mas aquele realmente foi um dia fantástico, lindo e radiante. Cheio de felicidade, que se repetiria nos meses seguintes. No Natal, nas festas e na comemoração do aniversário de TR. Nos alegres banhos de piscina e nas brincadeiras com os amigos – entre os quais fui incluída, nos churrascos, e nos dias dos jogos do time favorito de Antonio Riban e de TR.

Havia tudo para a felicidade se eternizar, repetindo-se até o fim dos dias daquelas pessoas. Mas o mundo e as suas coisas nunca foram, não são e jamais serão como se quer que sejam. Uma pena. Deveria ser diferente.

Eu achava que as pessoas deveriam ter o direito de serem felizes do modo como desejassem, mas lamentavelmente nem sempre o destino decidia a favor da alegria eterna.

Entretanto, como relatarei detalhadamente e, em muitos momentos, cheia de dor e tristeza, não haveria como a alegria perpetuar-se nos tempos seguintes, demonstrando como os golpes de sorte – ou de azar, segundo a ótica de qualquer um, os descaminhos e as trapaças da vida podem contribuir para afastar ou aproximar as pessoas das coisas que conquistam.

CRÔNICA Nº 4

TR teria ficado feliz se o seu pai estivesse brincando, quando fingiu esconder das suas vistas o envelope azul, com timbre de urgente estampado na frente, logo que chegou, sem nem tirar o paletó ou descalçar os pés. Ele sentou ao lado das recentes mudas de rosas e crisântemos, que em pouco tempo dali pra frente floresceriam em volta da casa – transformando-a num gigantesco buquê – o cacho de flores que tinha ouvido Antonio prometer a Penélope, num momento de intimidade explícita, deitados no gramado. Flores carregadas pela ternura das mãos, que as tinham plantado meses antes – as mãos de Penélope e de Antonio, cheias de esperanças, repletas de alegria.

Estava quieta, e evitava fazer ruído, junto da janela com as cortinas entreabertas. Admirava e fotografava os pórticos da casa de TR, cujas abóbadas sustentavam as colunas, e serviam de entrada para o vestibulo, quando tudo aconteceu.

Antonio Riban tinha uma sombra de amargura envelhecida sobre o rosto, semelhante ao manto furado e sujo, que cobria nas noites frias de chuva, debaixo da marquise do mercado, o pedinte Juan, o mais famoso andarilho do bairro. Seus ombros estavam caídos, sua boca fechada e deslocada, e os olhos tentavam represar lágrimas, como os portões do curral da fazenda dos meus tios buscavam segurar os touros bravios prestes a arrombá-los na base de chifradas. Ele entregou o envelope a Penélope sem dizer uma única palavra.

Ela o abriu e leu os documentos, e colocou uma das mãos na boca para sufocar o grito, sendo amparada pelo marido e por TR.

Eram exames médicos. Antonio Riban estava doente. Muito. Em estado terminal. Tinha uma doença degenerativa pouco conhecida e necessitava de tratamento imediato. O risco de morte era claro e logo todos compreenderam. Assisti quando os três se abraçaram.

Vi os olhos de TR. Eu vi a dor e a surpresa. Eu vi, também, que naqueles minutos o vento não silvou; e que a casa, seus jardins e suas colunas pareceram tremer, como se prestassem solidariedade silenciosa àquelas pessoas.

CRÔNICA Nº 5

Ouvi Antonio Riban, como ele fazia diária e pontualmente – igualzinho ao melhor relógio suíço, dar bom dia às suas plantas, aos pássaros e até mesmo às lagartixas e calangos. Mas a sua voz, naquela hora daquele domingo, estava diferente. Fraca, sem a força dos tempos anteriores. Arrastada, como se um peso a afundasse. Sonolenta, como se ele não tivesse dormido toda a madrugada. E, principalmente, melancólica.

Ele caminhou pelo jardim e tocou em cada uma das árvores e plantas. Admirou a laranjeira ao lado da qual existia um chafariz e um banco de pedras – feito por ele mesmo, meses após o término da obra.

Fazia um mês que ele tinha iniciado o tratamento. Percebi que no decorrer daqueles dias, o pai de TR emagrecera, ficando com o aspecto típico dos doentes. Era triste admitir isso, mas tive muita pena dele. Antonio Riban era um bom homem. Era o tipo do cara que toda mulher desejaria ter como companheiro por toda a vida. Não sei se todas as mulheres, mas pelo menos as do meu tipo.

Por um momento, quando o vi no jardim, desejei descer e ir até ele. Conversar. Dar um abraço, dividir a dor. Mas, desisti. Eu era somente a vizinha do lado, presente na sua casa somente nos dias festivos. A garota que batia fotos escondidas e relatava sobre a vida dele e de sua família num bloco de notas, agindo como uma espiã búlgara ou uma terrorista fundamentalista.

Eu era a enxerida, a intrometida, a bisbilhoteira e entrona. Não tinha o direito de me intrometer nos assuntos daquelas pessoas, embora cada dia mais eu me afeiçoasse a elas, como se fossem parte da minha família.

Então, percebi a chegada de Penélope e de TR, que parecia ter acordado naquela hora. Os dois abraçaram Antonio e ficaram quietos por um longo par de minutos. Depois trocaram olhares nervosos. Antonio segurou a mão da mulher com muita força e, em seguida, colocou a outra sobre um dos ombros de TR.

Vi lágrimas escorrerem pelo seu rosto avermelhado, que já demonstrava os sintomas da doença. Antonio sacudiu a cabeça três vezes. Soluçou e tornou a balançar a cabeça. Penélope sorriu-lhe um riso sem açúcar, e puxou o corpo do filho mais para perto.

Houve um silêncio semelhante àquele que antecede o momento do aterro do caixão no cemitério, o que me lembrou o dia do enterro de vovô, quando a tristeza me impediu, até mesmo, de pronunciar as palavras de despedida que ele tanto merecia.

Colei as mãos na janela, e tentei me esconder atrás da cortina. Joguei a Canon 251-EF em cima da escrivaninha, segurando, emocionada, o bloco de notas junto da minha blusa de seda favorita.

Antonio, suspirava e tremia, sem tirar os olhos do chão – como se um buraco estivesse para se abrir sob os seus pés, como se a própria morte lhe sussurrasse nos ouvidos a sua sentença, com o rosto murcho e os ombros desalinhados, disse à mulher e ao filho, finalmente:

- A hipoteca venceu. Não tenho como pagar o empréstimo que tomei para o tratamento. Vamos ter que entregar a casa ao banco. Vamos ter que sair daqui.

Foi o que ouvi. Eu ouvi e vi a reação de todos eles. Choraram juntos, abraçados, como sempre fizeram. Como uma família. Foi uma das cenas mais tristes que presenciei em toda a minha vida. Entregar a casa. Sair dela. A casa feita para ser um lar. Com suas iniciais pregadas na porta. Construída com sentimento.

Cada tijolo, cada uma das plantas e das árvores, cada pedaço de grama, tudo tinha a marca daquela gente. Da varanda à piscina, da porta principal até a porta do fundo, tudo. Foi duro registrar isso no bloco. Foi muito comovente, chato e desalentador.

Eu também chorei em silêncio, secretamente, e mirei a casa azul, imponente e bela, que rangia dolorosamente as suas janelas e portas sob o vento fino que corria naquela hora, como se fosse uma baleia à beira da morte, agonizando após ser atingida pelo certo arpão. Parecia demonstrar àquelas pessoas que elas não estariam sozinhas na dor.

CRÔNICA Nº 6

Não presenciei a mudança da família de TR, porque tinha prova marcada na escola, mas vi o dia em que o corretor do banco fixou, no gramado do jardim, com os pés nas flores favoritas de Penélope, a placa anunciando que a casa estava à venda. Foi a primeira vez que uma placa como aquela foi colocada diante da casa de TR.

De início, a placa recebeu total indiferença da vizinhança, alheia às coisas que aconteceram com a família de Antonio Riban. Geralmente as pessoas se preocupam somente com os próprios problemas. Nenhuma delas teria se incomodado em prestar qualquer tipo de solidariedade, ainda que soubessem os motivos que levaram Antonio Riban a perder a casa.

Afinal, quem iria fotografar o cotidiano dos vizinhos, ainda que isso fosse uma atividade típica dos enxeridos? Quem imitaria o agente 007? Quem gostaria de perder tempo para registrar coisas que aconteciam nas casas vizinhas? Talvez somente garotas como eu, sem namorado e com três amigas fadadas a titias, cujos amantes principais, além do computador mais próximo, eram os dicionários. Por falar neles, eu tinha, pelo menos, uns dez em casa, de todo tipo, inclusive um sobre curiosidades geográficas, que ficava na prateleira do banheiro para consultas emergenciais, que utilizei dia desses, para conhecer a respeito da temperatura nos Alpes durante os jogos de inverno, preocupada com a saúde do De Caprio, que por lá iria passar suas férias.

Mas era uma espiã do bem e não podia negar que a placa tinha me incomodado. E muito. Ver aquele corretor entrar e sair da casa de TR, pisar nas plantas de Penélope, e sacudir a laranjeira de Antonio Riban, como se estivesse infestada de lagartas, e trazendo pessoas desconhecidas com jeito de arrogantes, para conhecerem a casa azul, me causava nojo e indignação.

Ter novos vizinhos, para mim, àquela altura, era um risco semelhante à travessia do Atlântico na Idade Média. Algumas vezes me peguei divagando sobre quem iria morar ali. Talvez gente com gatos, bêbados fedorentos ou garotas de programas cobertas de joias; quem sabe até algum psicopata foragido ou o último criminoso nazista da Segunda Guerra Mundial e sua muleta. Pior ainda: poderia aparecer um bando de tarados prontos para atacar as garotas da rua. *Meu Deus, inclusive a mim!*

Rezei para estar errada, e desejei ardentemente que os próximos vizinhos fossem gente tão boa quanto os Riban, que nem sabia ainda onde tinham ido morar ou como viviam. Mas o certo era que a casa de TR, por ser um imóvel de qualidade, levaria pouco tempo para ser vendida, como logo percebi ao ver o corretor atender o seu estridente celular:

- Ok. Está vendida. – disse em boa voz. Acho que vi até a casa tremer, como se estivesse em agonia, mas ainda era cedo demais para tal conclusão.

CRÔNICA Nº 7

O nome da nova proprietária da casa de TR era Maria Thomas.

Quando ela chegou, constatei que estava terminado o ciclo dos Riban naquele lugar – ao menos por algum tempo, imaginei, com a esperança de que um dia eles retornassem trazendo de volta a alegria e a descontração.

Maria Thomas tinha uma filha bonita, que era mais ou menos da minha idade, e mudou-se com ela na semana seguinte, trazendo poucas coisas, porque os Riban entregaram a casa com praticamente todos os móveis e equipamentos.

Maria era viúva, apesar de ter somente quarenta e poucos anos. Não posso dizer muito sobre sua aparência, porque ela quase não mostrava o corpo e o rosto, vez que usava lenço no cabelo e roupas longas durante todo o dia.

Certa vez a encontrei na padaria e tentei puxar conversa. Como ela não me dava atenção, apelei e troquei os nossos sacos de compras, num momento de distração no balcão. Depois, fui até a sua casa para devolver as suas mercadorias.

- Olá – disse, enquanto segurava o meu cão labrador. – Meu nome é Julia Adam. Sou a vizinha da casa à esquerda.

- Sim, pois não? – perguntou-me Maria, com cara de quem tinha pressa. Ela estava orgulhosamente em pé, ao lado de uma estatua de Santo Antonio, que tinha sido colocada estrategicamente de frente para a porta principal.

- *Nossa...* bonita casa a sua – continuei, olhando para os cantos, sentindo, ainda, no ar, o aroma e a graça da família Riban.

- Obrigada – agradeceu-me a mulher, fazendo uma expressão de cansaço.

- Pois é. Vim trazer o saco com suas compras e pegar o meu. Lá na padaria, por engano, trocamos nossos sacos.

Maria Thomas olhou-me absolutamente desalentada, e disse:

- Oh, que pena. Eram suas as mercadorias? Joguei-as fora acreditando que a balconista estivesse de brincadeira comigo, e encomendei outra quantidade por telefone.

E antes mesmo que eu pudesse rebater, ela arrematou:

- Eu e Karina, minha filha, somos muito desconfiadas. Tivemos experiências bastante desagradáveis no decorrer das nossas vidas, que nos ensinaram a dormir com um olho aberto e o outro fechado. Por isso joguei tudo fora. Achei que poderia ter alguma coisa errada, talvez um veneno colocado nos pães, ou quem sabe a manteiga estivesse misturada com algo para provocar uma tremenda diarreia, compreende?

Desnecessário dizer que somente não pulei no pescoço daquela mulher, porque Clone saiu em disparada atrás da cadela vira-lata que remexia na lixeira, cumprindo os seus instintos – afinal, estávamos em agosto, época do cio. Claro que tive de repor as compras para a minha casa. Retornei à padaria, peguei as mercadorias da lista, e paguei tudo com as minhas economias.

Pior do que um psicopata ou um homem-bomba, minha nova vizinha às vezes mais parecia uma neurótica, viúva e recalcada. Só faltava ser religiosa do tipo conservador.

Não tenho nada contra quem tem fé. Aliás, admiro, e muito, quem acredita no ‘*cara lá de cima*’. Ter fé para mim é algo lindo, mágico. Acreditar em si e que tudo é possível é maravilhoso. E, nesse ponto, eu até invejaria minha vizinha. Mas, sobre seu jeito e seu modo de viver, eu descobri isso no outro dia, bem cedo, da forma mais incrível possível.

Maria Thomas acordou todos os vizinhos com cânticos religiosos nas alturas, onde o líder da sua igreja, com uma insuportável música de fundo, prestava juramentos a Deus, invocando o nome de Jesus Cristo para expulsar o demônio.

Quando escutei, pensei que minha casa era atacada por uma legião de dementadores tenebrosos do terceiro livro de Harry Potter, possivelmente caçando o prisioneiro de Askaban.

Era muito cedo.

O sol tinha acabado de raiar, e ainda havia passarinhos dormindo (talvez até usando tapa-olho), tirando o atraso dos dias quentes da semana passada. A mulher saltava de um lado para outro, com as mãos nas da filha, que repetia os seus gestos, como se fosse um robô.

Karina Thomas era uma garota muito linda e elegante, mas tinha um olhar enevoado e distante, como se sua alma fosse diariamente sugada para dentro de um aspirador invisível de espírito.

Karina percebeu que eu as observava por detrás da cortina, sorrindo discretamente. O que mais ela poderia fazer? Largar as mãos da maluca e acenar para mim? Ou chamar-me para navegarmos no Facebook, e disponibilizarmos fotos suas?

Logo notei que Karina era uma prisioneira louca para obter a liberdade, e talvez eu viesse a ser a sua advogada, e ao mesmo tempo a juíza que lhe sentenciaria a soltura da clausura em que vivia metida junto com sua mãe.

Mais de uma vez vi Karina fugir de mim. Ela evitava cruzar comigo na rua ou na escola. Acreditava ter falado com ela a sós somente umas três vezes nos meses em que ela morou na casa de TR – e trocamos apenas cumprimentos. E a impressão que tive era a de que eu tinha razão: Karina desejava outro estilo de vida, queria sair, ter amigos, ver gente, conhecer rapazes, ir ao cinema, usar brincos, comprar roupas modernas – abandonando os esquisitos roupões que usava. Mas não podia. Não tinha como enfrentar Maria Thomas. Uma vez beata sempre beata.

Eu só poderia ter uma conclusão lógica: tal mãe, tal filha, esse parecia ser o seu destino.

Sim, tentei ajudá-la a ser diferente – na realidade, normal, mesmo que por meios não muito adequados. Eu acionei sem sucesso a dupla GG e Valéria para ver se elas conseguiam alguma coisa com Karina; mas o máximo de êxito obtido foi convencê-la de que ter um endereço de email, não implicaria necessariamente em alistar-se como membro do exército do dono lá do inferno. Até Clone utilizei, soltando-o da coleira, mandando que ele derrubasse Karina dentro da piscina, o que ele fez prontamente – pois era especialista nesse tipo de traquinagem.

Foi uma péssima idéia.

Quando viu Karina dentro da piscina com o labrador, Maria Thomas saiu correndo da casa de TR, gritando que aquilo era um sinal de Deus, e que sua filha estava pronta para ser batizada pelo Espírito Santo, sem notar que a pobre coitada já tinha engolido uns cinco litros de água.

CRÔNICA Nº 8

Não posso afirmar se Maria Thomas era louca, mas o que ficou muito claro para mim foi o fato de que entre ela e a filha havia uma ligação sacramental.

Nossa... Maria era o máximo da proteção. Chegava a ser irritante.

Karina não podia dar um espirro, que a mulher telefonava para a equipe médica vir examiná-la, ou mandava a farmácia entregar duzentos quilos de antigripais e todo tipo de medicamento contra viroses e coisas semelhantes.

Creio que a casa, como se tivesse vida própria, percebeu isso, e procurou tomar as providências para dar um basta à presença das duas sob as suas telhas.

Havia na rua o pedinte Juan, que aparentemente nunca fizera mal a alguém. Vivia de esmolas e dos alimentos que ganhava, muitas vezes trocados por pequenos serviços, como lavar os carros, cortar os gramados ou ajudar no desentupimento de calhas.

Meu pai não gostava dele.

Dizia que era o tipo de gente que, por não o encarar nos olhos, não merecia confiança. Meu irmão, uma vez, me revelou que tinha visto Juan masturbando-se perto da minha janela.

Fiquei receosa e muito preocupada.

Tanto que lacrei a janela por uma semana seguida, embora continuasse a fazer os meus registros sobre os novos habitantes da casa de TR, olhando pelo vidro. Até porque Maria Thomas não alterava a sua rotina, que era sempre a mesma.

Ora, os fatos acabariam demonstrando que meu pai tinha razão quanto ao pedinte, que aguardava somente um vacilo de algum morador, para poder aprontar.

Tudo aconteceu da maneira mais incrível possível. As atividades noturnas na casa de TR nos tempos de Maria Thomas terminavam muito cedo. Após as rezas e o jantar, mãe e filha deitavam, apagando todas as luzes.

Não sei explicar como, mas a casa abria a porta, que dava para a minha janela, exatamente nas noites que Juan circulava naquela parte da rua. Isso aconteceu muitas vezes – e eu cheguei a pensar que ele estava de tocaia para entrar na minha casa, mas logo descobri que ele estava de olho na casa de TR.

Numa dessas vezes, por pouco Juan não entrou, somente não conseguindo porque Maria Thomas, que tinha acordado durante a madrugada (eu vi, porque estava sem sono naquela noite), viu a porta escancarada, e fechou-a, pondo um móvel atrás dela por segurança.

No dia seguinte, ela mandou um marceneiro dar uma olhada, mas o homem disse que nada de anormal havia com a porta. Até que, num dia de lua cheia, eu vi Juan avançar cuidadosamente na direção da porta aberta, um pé depois do outro, pelo gramado.

Juan deu duas boas olhadas para os lados, antes de entrar porta adentro, tomando o cuidado de mantê-la aberta, pois sabia que o alarme poderia disparar, caso a fechasse. Além de que precisaria ter o acesso livre, na hipótese de uma fuga às pressas.

Por aquela época eu tinha completado 16 anos, e havia recebido de presente um binóculo com visão noturna – meu pai chiou um pouco, mas uns beijinhos foram suficientes para quebrar o cadeado que ele tinha no bolso.

Com o binóculo vi Juan subir bem devagar cada um dos degraus da escada que conduzia para o quarto de Karina. Estava tão concentrada, que não refleti sobre a dimensão do perigo. Juan estava mal-intencionado, isso era lógico. Iria fazer algum mal contra Karina ou contra a sua mãe, isso também era lógico.

Meu Deus, até hoje não sei por qual motivo fiquei quieta, observando. Deveria ter largado tudo. Pegado o telefone e chamado a polícia. Deveria ter feito um escândalo, gritando para despertar toda a vizinhança. Deveria ter feito muitas coisas, mas não fiz nada além de observar com o binóculo. Somente depois do que ocorreu em seguida, foi que me dei conta de que não precisava ter feito nada mesmo.

A casa de TR aguardava Juan. Foi ela quem deixou a porta aberta. Foi ela quem permitiu que ele entrasse sorrateiramente, sem que o alarme soasse. E foi ela quem resolveu a parada.

Olhando através do janelão de vidro magnificamente decorado por Antonio e Penélope Riban, eu vi que sem Juan perceber a tábua de um dos degraus correu para o lado, voltando para o lugar original imediatamente após o pedinte ter firmado o pé no lugar. Percebendo que seu pé estava preso, Juan fez força para soltá-lo.

Puxou para esquerda, depois para a direita, mas nada resolvia. Chegou até a dar chutes nas paredes, amparando-se no corrimão, o que foi sua grande falta de sorte. Com o seu peso, o corrimão cedeu e ele escorregou para o lado, somente não desabando porque conseguiu, num gesto rápido, se segurar no lanço da escada.

Foi aí que veio o pior.

O alarme disparou como se todos os trovões do planeta tivessem resolvido estrondar naquele momento, despertando não somente os vizinhos, mas até o mais surdo dos velhos que moravam no asilo da rua de baixo.

CRÔNICA Nº 9

Maria Thomas recebeu a visita de policiais por três dias seguidos, depois da prisão de Juan, que foi levado para a delegacia ainda com a tábua presa no pé. Eles fizeram perguntas, vasculharam tudo e consultaram os vizinhos. Karina, coitada, somente voltou a sair da casa, duas semanas após o fato. Deixou de fazer as provas na escola e de frequentar a igreja com a mãe. Tive pena dela. Mas, acho que teve muita sorte.

Sorte grande mesmo.

É como dizem por aí, que Deus escreve certo por linhas tortas. Naquele caso, talvez, a casa tivesse sido usada por Ele para livrar a rua do farsante Juan, que muito além de um pedinte, era um perigoso ladrão, como soube mais tarde.

Maria Thomas, assustada com o acontecido, entregou rapidamente a casa à agência de corretores, e mudou-se, sem muito alvoroço, no mesmo dia que a polícia lhe comunicou ter sido Juan transferido para o presídio estadual. Eu vi a sua expressão de alívio, quando deu partida no carro, depois de guardar no porta-malas do seu Chevrolet, os últimos sacos com roupas e sapatos gastos.

Karina estava quieta, sentada no banco da frente. Seus olhos marejavam, e ela estava com as maçãs do rosto mais salientes do que o normal. Acenei gentilmente para ela, que percebeu, mas

não deu resposta. Então, eu disse que elas estavam fazendo o correto, porque havia outros homens ainda mais perigosos do que Juan, naquele bairro.

Não sei se fiz isso por maldade, mas não me arrependi.

Observei a casa de TR e percebi que ela estava mais clara, como se tivesse sido lavada de fora para dentro por mãos invisíveis. A casa parecia saber o que iria acontecer em seguida, e estava feliz com tudo o que tinha feito.

Depois de guardar as chaves no bolso do vestido de mangas compridas que usava, Maria Thomas olhou para os lados várias vezes, entrou no veículo como se entrasse numa viatura policial, batendo a porta com violência, e arrancou bruscamente. Partiu para onde até hoje não sei; talvez tenha ido morar em outro estado, talvez esteja com parentes, talvez esteja na igreja, ou quem sabe até na residência do seu líder religioso.

O que posso afirmar, e registrei isso no bloco de notas e no meu blog (criado por sugestão de Valéria, que achou a história interessante e começou a divulgar com nossos colegas e amigos), foi que, no dia seguinte, havia outra placa fincada no gramado, pondo a casa de TR, outra vez, à venda.

CRÔNICA N° 10

Dois dias depois, muita gente apareceu na casa de TR para conhecer o imóvel, antes de comprá-lo. Vi um casal japonês, que parecia endinheirado. Teve uma família de ciganos, cujos filhos, caso fosse possível juntá-los todos num só corpo, tranquilamente seriam confundidos com a cauda de uma baleia gigante. Vi um pessoal com jeito de caipira, que desistiu do negócio porque na nossa rua não era permitido criar cabras; e me assustei com uma família bem numerosa, onde o pai deveria ser chamado de avô pela mulher.

Tirei fotos, inclusive de um cara que se parecia com o Michael Jackson, que, ao perceber, fez firulas esquisitas. A mulher que o acompanhava tropeçava nas próprias pernas, como Sandra Bullock em Miss Simpatia. Ri muito. No entanto, a casa de TR demorou mais tempo do que eu esperava para ser novamente vendida, e quando a placa foi retirada, implorei a Deus para manejar com os meus futuros vizinhos.

Enfim, veio a mudança. Somente um caminhão.

“Família pequena. Certamente um casal jovem”, pensei.

Que nada. Sem essa de gente jovem. Era um casal de aposentados, com estilo rabugento e implicante, que passava os dias ao lado da piscina lendo jornais, chutava o cachorro manco da casa, que se chamava Fungado, e brigava com a vizinhança.

Escrever sobre eles no blog e nas redes sociais, foi uma das coisas mais divertidas que fiz depois que Antonio Riban vendeu a casa. Duas figuras ao mesmo tempo incríveis e difíceis. Com uma semana no lugar, o novo proprietário já tinha arranjado confusão com o dono da padaria –

por causa de dois centavos de troco; com o vizinho do lado direito – que segundo ele não o cumprimentava com uma continência; e com o senhor Osvaldo, seu vizinho da casa da frente, porque o cão, que não enxergava bem, tinha trocado o poste pelas pernas da mulher dele.

O nome do aposentado era Alfredo Godói. Devia ter mais de setenta. Era feio de dar dó. *Nossa...* como era feio. Tinha uma barriga redonda, pernas finas e cabelo, *muito cabelo*, por toda parte do corpo, exceto no único lugar onde geralmente nove entre cada dez pessoas devem ter: *na cabeça*.

Sua careca brilhava tanto quanto o espelho do seu carro, um furgão antigo e empenado, que trazia na lateral a plotagem com o nome da última firma onde ele trabalhou. Vivia reclamando da compra da casa – muito cara para as suas posses como logo percebi. Ralhava porque o terreno fazia fronteira com a propriedade da refinaria; brigava por causa do tamanho do jardim. *Ufa...* como reclamava. Vivia berrando ao lado da piscina, que dava para a minha janela:

- Podia estar viajando pelo mundo. Fui lhe dar ouvidos e empatei meu dinheiro nessa casa azul, rodeada de jardins e prestes a explodir. Já pensou a dinheirama que vamos gastar para cuidar desse terreno cheio de plantas? E se a droga da refinaria explode?

Sua mulher, que se chamava Clara, sacudia a cabeça e ponderava:

- Fazer fronteira com o terreno da refinaria não é problema. Morávamos de aluguel, homem. Se quer viajar, por que não arrisca a sorte na loteria?

Ela nem imaginava que a sua sugestão se tornaria a salvação da casa de TR. Clara podia ser tida como simpática, se conseguisse tirar aquele cravo gigante em forma de bolota que tinha no nariz, e dar um jeito nas sobrancelhas – semelhantes a dois pincéis esticados sobre os olhos murchos, e no cabelo agreste – que parecia a vassoura da Maga Patológica virada de cabeça pra baixo (*acho que ela não entrava num salão há uns trezentos anos, por baixo*).

Quando vi a dupla de aposentados, e soube que tinham filhos (*que, graças a Deus eram adultos, casados e moravam na Austrália*), imaginei se os seus herdeiros se pareciam com *Smigol* ou com um dos *Orcs* de Senhor dos Anéis.

Pobre casa de TR. Tão acostumada com gente bonita, teria que suportar um velho chato, feio e barrigudo, e sua mulher com iguais qualidades. Talvez tivesse sido por causa dessas preces, que na semana seguinte à mudança dos novos vizinhos, choveu torrencialmente por uns quinze dias.

CRÔNICA Nº 11

Tinha terminado de escrever, quando Davi entrou no meu quarto com uma cara preocupada e cheia de medos.

- Julia, o careca do lado está lá embaixo e quer falar com você – disse-me.

O aposentado? Na minha casa? Qual seria o motivo? Imaginei um mundo de razões para isso. Todas estranhas, porém, perfeitamente reais e possíveis, especialmente porque vinham de alguém que eu desejava muito trocar algumas palavras e, quem sabe, conhecer mais profundamente. Poderia ser até que o velho Alfredo me convidasse para entrar na casa azul mais uma vez.

E não é que foi exatamente isso que aconteceu? Meus pais não estavam e o aposentado, alegou que tinha assuntos importantes a resolver, e pediu a Dolores – nossa empregada, para falar com alguém responsável pela casa. *Sobrou para quem? Claro, para Julia Adam, a fabulosa defensora dos frascos e comprimidos.*

Lembrei de Valéria, quando dizia que eu era a mais responsável das suas amigas, a única que não a deixou sozinha, no dia que recebeu o fora de James, um chato, cujo único mérito era ser filho do diretor.

- Você tem um cachorro? – perguntou o aposentado.

- Tenho. Ele é lindo – respondi, com um sorriso tipo paisagem vista de dentro de um ônibus interestadual.

- Não perguntei se é bonito ou feio – rebateu ele no seu melhor estilo.

Inclinei bastante a cabeça para pedir desculpas, quase tocando os joelhos.

- É um labrador? – prosseguiu ele.

- Aconteceu alguma coisa com Clone? – quis saber, cheia de receios e já ofegante.

Ele riu como se sorrir lhe custasse um dos rins, e disse:

- Até agora nada aconteceu, mas está bem perto de acontecer.

Como fiquei sem entender, ele continuou:

- Venha comigo e compreenderá.

Antes de segui-lo, voltei-me para Dolores e Davi, que estavam calados e sentados, observando-nos com aquele ar de quem acreditava que um convite vindo do careca aposentado, terminaria numa armadilha repleta de aranhas caranguejeiras. Os dois não perderam uma só palavra e pareciam crer que eu e Alfredo Godói negociávamos a rendição da Alemanha no fim da Segunda Guerra Mundial (*aliás, o tema da minha prova de história da semana seguinte*). Com um rápido olhar, os fiz compreender que não seria necessário chamar o Grupamento de Bombeiros ou os Fuzileiros Navais para me resgatarem da casa de TR. Seria somente uma visita, breve, casual, sem dor – *era o que eu esperava*. Talvez até a esposa dele tivesse preparado uma porção de brigadeiros e doces para mim.

- Volto em alguns minutos – disse-lhes e me despedi.

Ao atravessar a porta e dar os primeiros passos, seguindo o rastro de Alfredo Godói, imaginei a sensação de um condenado no corredor da morte. Forca, afogamento numa piscina cheia de piranhas ou injeção letal? O que me aguardaria na casa de TR, outrora o lar da alegria, e agora transformada no centro de torturas mais torturante do último livro de Dexter, de Jeff Lindsay, sob a administração do aposentado? Dei dois beijos no pingente de TR e tentei me acalmar.

- Você nem imagina o que o seu cão aprontou – disse-me Alfredo.

Nunca pensei que o trajeto da minha casa para a de TR fosse tão longo. Parecia que caminhava há milênios e que pesos de ferro tinham sido atados às minhas pernas, como faziam os ingleses com os piratas no Caribe, sob o escaldante sol do equador.

Imaginei Confúcio sentado numa esteira de bambu, cercado por discípulos, ponderando sobre questões filosóficas de sua época, enquanto preparava o chá. Ele era um poço de paciência. Mas, também, acho que foi um cara de sorte. Por ter nascido muito antes de mim, escapou de ter um vizinho como Alfredo Godói; porque se tivesse tido tal chance, acredito que desistiria de ser filósofo e conselheiro do imperador. Talvez Confúcio enveredasse ao mesmo tempo pelas profissões de dentista, mestre circense de facas e pedreiro – formas ideais para enfrentar gente como o aposentado: dentista, para mantê-lo com a boca aberta, mas sem poder falar e soltar

palavrões; mestre de facas, porque caso Alfredo, mesmo sentado na cadeira do consultório, tentasse ralhar ou xingar quem quer que fosse, poderia ameaçá-lo com uma faca bem pontuda; e pedreiro, porque mesmo se o careca barrigudo insistisse, poderia encher sua boca com cimento, concreto e cal, pondo fim à discussão.

CRÔNICA Nº 12

- Aí está o seu cachorro, garota – disse Alfredo.

Quando vi o que o meu cão fazia, relutei para não rir, recordando de Karina Thomas. Depois de jogá-la na água, o safado pegou gosto por piscinas. Clone nadava e saltava como se a piscina da casa de TR fosse sua banheira particular.

- Tentei tirá-lo daí, mas ele é ligeiro como um rato. Nem parece um labrador de tão teimoso. Um bode é mais obediente – disse o aposentado.

- Ele é um cachorro brincalhão – observei.

- Tire esse animal da minha piscina ou eu dou um jeito nele, garota – avisou.

Considereei como sorte estar novamente ali, palco de cenas alegres, mas também tristes, todas verdadeiras. Tão entretida estava com os pensamentos, que não percebi Clone saltar da piscina e correr até a porta principal, que estava aberta. Alfredo Godói, desesperou-se e mandou a mulher pegar uma vassoura.

- Bata nele se for para a sala dos relógios antigos, Clara – gritou.

Corri atrás e me surpreendi com o que vi. Jamais imaginaria que um tipo agreste como ele pudesse ser apaixonado por obras raras, por móveis antigos e por relógios-cucos. Ele tinha transformado o gabinete de Antonio Riban numa sala de antiguidades, repleta de bugigangas exóticas, muitas como as do Discovery, do History Chanel ou do primeiro filme de Indiana Jones.

Cheguei a crer que ele reclamava à toa da vida, pois caso precisasse de dinheiro, bastaria vender metade das coisas que guardava. Daria para fazer uma boa viagem de férias até a

península de Yucatán ou para o Vesúvio, onde, *pelo menos nesse último lugar, a sua mulher poderia fazer uma chapinha de graça.*

- Nossa! – exclamei, admirada com o seu museu, percebendo que meu cachorro Clone tinha derrubado um vaso, que quebrou uma asa ao bater na parede.

- Pega o cachorro, garota – disse ele possesso, parecendo o Bruce Willis em Duro de Matar. – Pega e cai fora.

- O senhor tem um museu. Que lindo!

Ele brecou ao ouvir as minhas palavras. O aposentado me analisou cuidadosamente por alguns minutos, enquanto eu circulava. Sem lhe dar tempo para retrucar, peguei o cachorro pela coleira, e continuei:

- Se soubesse que tinha tantas coisas raras aqui dentro, teria sido eu quem daria a ordem para segurar Clone para ele não quebrar os objetos.

- Gosta de antiguidades?

- Amo – respondi sem piscar.

Percebi que ele sorriu internamente. Pela primeira vez, não o vi como o rabugento feio, que brigava com Deus e o mundo inteiro. Achei-o, naquela hora, até mesmo mais simpático. Não era um Brad Pitt, claro. Mas, também, passei a admitir o fato de que seu jeito carrancudo, talvez, não provocasse morte súbita em quem o encarasse num corredor escuro, em plena madrugada, bem na porta do sanitário, com uma vontade louca de fazer xixi, depois de ter engolido um litro inteiro de coca-cola, durante a sessão do último filme da série Jogos Vorazes, baixado de um site pirata.

Alfredo Godói coçou a orelha, que naquele momento percebi ser algo parecido com um ninho de aranhas, diante da quantidade de cabelo que tinha dentro, e sorriu sem receios para mim. Foi a primeira – e talvez a única vez que o vi sorrir um riso verdadeiro e recheado de candura. Ao menos até aquele dia. Tinha acertado na mosca, atingindo o velho na altura do estômago, no seu ponto fraco.

- É difícil encontrar uma jovem como você – disse ele calmamente. E, sacudindo a cabeça, aproveitou para perguntar: - A propósito, como você se chama mesmo? Desculpe, mas com a confusão...

- Julia Adam, senhor.

- Julia. Muito apropriado. Vem de Julio Cesar. – Ele respirou com força, antes de começar a aula de história. - Caio Julio Cesar. Um patrício. Um líder militar e político romano.

Desempenhou um papel crítico na transformação da República Romana no Império Romano. As suas conquistas na Gália estenderam o domínio romano até o oceano Atlântico: um feito de consequências dramáticas na história da Europa.

Alfredo era bom nisso, e se eu deixasse, iria falar sobre todo o Império Romano, avançando pelo resto da história, passando pelo período de Napoleão, até chegar à época de Hitler e Mussolini. Não nego que quase lhe dei corda, porque a prova da semana seguinte não parava de martelar na minha cabeça, mas, por motivos claros e evidentes (*o vaso que meu cachorro tinha derrubado e que o aposentado ainda não tinha percebido*), precisava sair daquele lugar o mais depressa possível, antes que o meu encanto cessasse tão rapidamente quanto os poderes do Superman, depois de Lex Luthor lhe exhibir a kriptonita.

Antes de sair, entretanto, olhei para as paredes e mirei os relógios-cucos. Tinha de madeira escura, de metal e de marfim. Com buracos grandes, pequenos, cheios de desenhos, e alguns com rabiscos incompreensíveis. Em toda a minha vida somente tinha visto um único relógio-cuco, que ficava na casa do professor de literatura e tinha sido do seu avô. Alfredo tinha pelo menos uma dúzia deles nas paredes.

- Senhor – disse-lhe, já com um pé na porta, prontinha para escapar. – seus relógios são lindos e interessantes. – Fiz uma pausa. – Mas, eles estão quebrados?

O aposentado balançou a cabeça algumas vezes, desconfortado.

- Estão assim desde que vim para essa casa. Eles funcionavam bem. Não sei o que aconteceu. Pararam de funcionar e seus ponteiros ficam sempre na mesma posição, por mais que mexa nos mecanismos. Ontem mesmo os coloquei em funcionamento. Acertei a hora de cada um. Ficaram bons por alguns minutos, todos legais, bem aprumados. Mas, de repente, tudo de novo. Uma coisa estranha, que os fez parar de funcionar, fazendo os ponteiros retornarem aos números que você vê agora.

- Sempre os mesmos números? – perguntei e ele confirmou – Deveria dar ouvidos ao que lhe disse a sua mulher um dia desses – comuniquei, recordando-me da resposta que Clara lhe dera aconselhando-o a apostar na loteria.

Alfredo mexeu os bigodes e tornou a coçar a cabeça (*não sei por qual motivo gente careca coça tanto a cabeça*). Parecia que iria ralhar comigo por causa da minha bisbilhotice; mas não foi isso que fez, porque uma luz de felicidade tomou conta dos seus olhos.

Observei-o por alguns instantes, muito quieta, e refleti sobre os relógios-cucos e sobre os números que seus ponteiros apontavam, lembrando as palavras do aposentado. Em seguida, agradei a Deus por tudo ter transcorrido bem, despedi-me com educação, e retornei para casa, com o encharcado Clone, que na saída quase derrubou uma espada de cima de uma estante. Não sabia ainda a razão, mas acreditei que a casa de TR arquitetava um meio de livrar-se de Alfredo e da mulher.

Tinha o dedo dela na quebradeira dos relógios, isso era certo. Meu instinto feminino me dizia isso. E logo, logo eu iria descobrir e me surpreender bastante.